

Lactância e a Polêmica sobre o surgimento do Politeísmo

(Lactantius and the Controversy about the Rise of Polytheism)

Diogo Pereira da Silva
Universidad Federal de Río de Janeiro /
Universidad de Salgado de Oliveira
profdiogo.profsilva@gmail.com

Recibido: 25/07/2014

Evaluated: 03/08/2014

Aceptado: 19/09/2014

Resumen:

Neste artigo, analisamos a polêmica sobre o surgimento do politeísmo desenvolvida por Lactância na obra *Instituições Divinas*. Em especial, buscamos compreender a apropriação dos argumentos da Teófilo de Antioquia e de Evêmero de Messina em sua polêmica anti-pagã.

Palavras-chave: Lactância, Instituições Divinas, Evemerismo, Paganismo, Cristianismo

Abstract:

In this article, we analyze the controversy over the genesis of polytheism in Lactantius' work *Divine Institutes*. In particular, we aim to understand the appropriation of the arguments of Theophilus of Antioch and Euhemerus Messina in his anti-pagan polemic.

Keywords: Lactantius, Divine Institutes, Euhemerism, Paganism, Christianity

I

O estudo da obra do retor cristão norte-africano Lactância (c.250-c.325) nos coloca frente a uma série de questões sobre a polêmica cristã anti-idolátrica no início do século IV, na qual há uma grande tendência a trazer consigo um julgamento sumário, subestimando a força de resistência dos cultos tradicionais greco-romanos.¹

Em que medida podemos compreender a polêmica do surgimento das religiões politeístas desenvolvida por Lactância em seus escritos, em especial em sua obra magna, as *Instituições Divinas*, quando comparado a outros autores cristãos que o precederam? Certamente, há algumas diferenças entre a argumentação de seus predecessores norte-africanos – como Tertuliano (160-220), Minúcio Felix (c.160-c.220) e Arnóbio de Sicca (morto em c.330) – e aquela que Lactância utilizou para combater o que denominou de *erro* dos cultos tradicionais.

Inicialmente, Lactância lançou mão de uma série de instrumentos retóricos – como o tom satírico, as figuras de linguagem, argumentação dialética –, além de argumentos pouco comuns a autores cristãos para desconsiderar os cultos tradicionais. Desde os seus primórdios, os autores cristãos fizeram uso de um repertório quase exaustivo de temas anti-idolátricos que se baseavam principalmente nas literaturas vétero e neotestamentárias, e na literatura judaica.

Lactância se utilizou deste arsenal de argumentos e de críticas, como outros o fizeram antes e depois dele, entretanto, buscou se basear nos mitos, nas lendas e nas discussões filosóficas da cultura greco-romana. O contexto em que viveu animava-o a desenvolver sua argumentação e críticas de forma mais profundas – especialmente em resposta aos projetos

¹ Para mais informações, ver: E. Digeser. *The making of a Christian Empire. Lactantius and Rome*. Ithaca: Cornell University Press, 2000; H. Drobner. *Manual de Patrologia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, pp. 189-191; D. P. da Silva “Lactância e o *topos* da *historia magistra vitae*: uma análise da obra Sobre a morte dos perseguidores”. *Phoënix*. Rio de Janeiro, v.17, n. 1, pp. 99-111, 2011.

político-religiosos da Tetrarquia, e à polêmica levantada por autores anticristãos como Hierócles e Porfírio de Tiro.²

Conforme afirma Jean-Claude Fredouille, apenas no início do século XX, com René Pichon, é que Lactância passou a ser analisado em sua especificidade, observando que em sua polêmica contra os cultos tradicionais greco-romanos, Lactância perdeu “em vivacidade dramática” (“*en vivacité dramatique*”) em relação a seus antecessores como Tertuliano ou Arnóbio; mas ganhou “em clareza e em exatidão de raciocínio” (“*en clarté et en justesse de raisonnement*”); acrescentando “sua parte pessoal” (“*sa parte personnelle*”).³

Os estudos sobre patrologia e literatura antiga, de uma forma geral, anunciam a obra de Lactância como o marco de conclusão da apologética latina, e, para alguns, de toda a patrística pré-nicena.⁴

Por seu lado, a apreciação cuidadosa do *corpus* lactanciano nos conduz a um âmbito de percepção que não é eminentemente o da apologética como apenas uma obra de defesa e de polêmica, como anteriormente nas obras de Tertuliano, Minúcio Félix e Cipriano de Cartago. As obras de Lactância, além de apresentarem um caráter altamente protréptico, são instrumentos de controvérsia e, principalmente, de refutação racional dos cultos tradicionais greco-romanos.

Por conseguinte, devemos, analisar e situar com maior exatidão o lugar ocupado Lactância na longa seqüência de Pais da Igreja que combateram aquilo que os cristãos consideravam como cultos idolátricos. A originalidade do autor de *Instituições Divinas* em sua crítica às religiões pagãs, o tratamento que o distingue de seus antecessores, e a aproximação com

² E. Digeser. *The making of a Christian Empire. Lactantius and Rome*. Ithaca: Cornell University Press, 2000, p.6; D. P. da Silva. N. M. Mendes. “As representações do poder imperial na Tetrarquia (284-305)”. *Phoïnix*, Rio de Janeiro, v. 14, pp. 306-328, 2008.

³ J.-C. Fredouille. “Lactance historien des religions”. In. J. Fontaine. M. Perrin. *Lactance et son temps*. Recherches Actuelles. Paris: Éditions Beauchesne, 1978, pp.237-249.

⁴ A. di Berardino. (Org.). *Dicionário Patrístico e de antiguidades cristãs*. Petrópolis: Editora Vozes, 2002, p. 805-806; H. Drobner. *Manual de Patrologia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, pp. 189-191; C. Moreschini. E. Norelli. *Manual de Literatura Cristã Grega e Latina*. São Paulo : Loyola, 1996, pp. 525-533; S. Hornblower. A. Spawforth. *The Oxford Classical Dictionary*. 3ª Ed. Oxford, New York: Oxford University Press, 1996 [Original de 1984].

Eusébio de Cesaréia, é que, sem dúvida, foi o primeiro a ter tentado fazer uma obra histórica que analisa o desenvolvimento das práticas religiosas da Humanidade.

Alguns exemplos esclarecerão aquilo que podemos entender como o fundamento do caráter polêmica da obra de Lactâncio. Ademais, tais exemplos nos levam a propor que o autor possuía um sentido de história, ou mesmo uma teoria sobre o desenvolvimento religioso da Humanidade.

II

Nas obras de Lactâncio, pode-se observar uma manifesta preocupação em identificar numa linha do tempo os eventos históricos, estabelecendo cronologias claras. Sem dúvida, esta preocupação foi dividida por outros autores antes dele, em especial Teófilo de Antioquia (morto em 186), o único dos chamados Pais da Igreja de língua grega que Lactâncio cita nominalmente, e que exerceu uma forte influência em seus escritos.⁵

A partir da leitura comparada entre as obras de Lactâncio e Teófilo de Antioquia, podemos propor que quando Lactâncio era retor na cidade de Nicomédia, ela entrou em contacto com a obra *Para Autólico*, do bispo de Antioquia (função que ocupou entre 168-181). Esta obra se assemelha ao *Contra Celso* de Orígenes (185-254), sendo a argumentação do autor desenvolvida em torno do convencimento do pagão Autólico, da vanidade do politeísmo greco-romano.

Lactâncio se apropriou de inúmeros pontos da obra, chegando esta, inclusive, a compor grande parte dos argumentos de refutação dos cultos tradicionais greco-romanos – conforme expressado em *Instituições Divinas*, e em *Sobre a Ira de Deus* –, principalmente as partes que concernem à criação das religiões através da divinização de homens, a refutação da idolatria, a noção de ira de Deus, a imoralidade dos deuses, a refutação dos filósofos, e a utilização do testemunho de autores clássicos greco-romanos.⁶

Um e outro autor não recorreu à cronologia com o mesmo objetivo. A intenção de Teófilo de Antioquia era bem definida: mostrar que o Antigo Testamento era anterior aos escritos

⁵ Lact. Inst. Div. I 23,2.

⁶ *Teo. Ad Autolicum* II, 3; I, 10; II, 1-7; I, 3; I, 9; II, 4; II, 5-7; III, 2-3; III, 6.

de egípcios ou de gregos, que Moisés viveu antes de Homero, uma vez que a precedência histórica é sinal de superioridade dogmática.⁷

Esta análise não se encontra totalmente ausente em *Instituições Divinas*. Não obstante, quando Lactâncio resumiu as ponderações de Teófilo – que por sua vez seguiam a do historiador judeu Flávio Josefo –, ele não se omitiu de recordar as características recentes da religião greco-romana.⁸ Mas ele o fez numa perspectiva diferente: menos por afirmar a superioridade do cristianismo sobre os cultos greco-romanos que por exortar os pagãos a não se glorificarem de uma antiguidade relativa em relação aos cristãos.

O interesse destas ponderações – vindas após a análise da natureza do paganismo – objeto do Livro I das *Instituições Divinas* – e precedendo a explicação de seu nascimento e de seu desenvolvimento – objeto do Livro II – era a de permitir a Lactâncio situar exatamente no tempo histórico o desenvolvimento destas crenças fundamentadas no *erro*.

Outro ponto característico de Lactâncio foi a busca por uma objetividade na análise do politeísmo greco-romano, e a desconstrução do *erro* pagão através do descobrimento de sua origem no tempo histórico. Para chegar a este objetivo, Lactâncio se utilizou dos argumentos de Evêmero de Messina (c.330 a.C.-250 a.C.), mitógrafo helenístico que baseou sua *História Sagrada* – conhecida por Lactâncio através da compilação de Ênio⁹ – na hermenêutica, que consistia em analisar os mitos gregos, depurando-os dos aspectos lendários através da interpretação das alegorias que subjaziam nos mitos.¹⁰

O objetivo de Evêmero, era ao escrever esta obra no Período Helenístico – para Cassandro (311-298 a.C.), herdeiro das possessões européias de Alexandre (356-323 a.C.) – era

⁷ *Teo. Ad Autolicum* III 16; 26. Para mais informações sobre este debate em Teófilo de Antioquia, ver: C. Curry. “The Theogony of Theophilus” *Vigiliae Christianae*. v. 42, pp. 318-326, 1988.

⁸ *Lact. Inst. Div.* I 23, 1-5.

⁹ *Lact. Inst. Div.* I, 11, 34.

¹⁰ T. S. Brown. “Euhemerus and the Historians”. *The Harvard Theological Review*. v. 39, n. 4, pp. 259-274, Oct. 1946 H. Y. Gamble. “Euhemerism and Christology in Origen: Contra Celsum III 22-43”. *Vigiliae Christianae*. v. 33, pp. 12-29, 1979; R. M. Ogilvie. *The Library of Lactantius*. Clarendon Press, 1978.

reivindicar a divinização e culto aos monarcas. Estes monarcas, assim como Urano, Cronos e Zeus seriam divinizados por suas ações realizadas em benefício de seus súditos.¹¹

Desta forma, Evêmero de Messina não desejava negar a existência dos deuses ao mostrar que eram humanos, mas legitimar a posição dos monarcas helenísticos. Lactâncio inverteu a fórmula e a utilizou em sua refutação do politeísmo greco-romano.

Ainda que geralmente seus predecessores recorressem à doutrina do evemerismo para menosprezar os deuses pagãos como simples seres humanos, Lactâncio – por seu turno o mais bem informado de todos os Padres sobre mitografia – apresentou o evemerismo de forma mais racional, como uma explicação psico-sociológica que lhe permitia compreender certa época, e os fenômenos religiosos ocorridos na mesma.

Neste ponto, Lactâncio se apoiou explicitamente em autores pagãos que trataram da mitografia grega, cada um trazendo sua própria contribuição, servindo de base para uma “história comparativa das religiões” (p.ex., em *Lact. Div. Inst.* I, 15,6 onde o culto imperial romano e a apoteose dos reis mauritanos são explicados pela doutrina evemerística).

Entretanto, por seu lado, Lactâncio não se deteve apenas a este nível teórico: ele buscou compreender, à luz do evemerismo, os motivos e as razões que levaram os homens a divinizar certos contemporâneos. Em sua utilização polêmica do evemerismo, Lactâncio assinalou, por exemplo, o papel que pode representar a bajulação ou a corrupção dos sujeitos na divinização de certos reis, e no desenvolvimento do politeísmo.¹²

Outros dos fundamentos do erro pagão estão nos sentimentos sinceros de admiração, de reconhecimento e de piedade que originaram a divinização;¹³ e este esforço de simpatia para descrever as circunstâncias psicológicas nas quais apareceram as divindades pagãs permitiu-lhe citar longamente os textos de autores pagãos, à luz da doutrina de Evêmero.

Desta forma, sua argumentação se baseou na longa apresentação de passagens de textos clássicos da literatura greco-romana – Virgílio, Ovídio, Homero, Orfeu, Eurípides, Horácio

¹¹ S. Hornblower. A. Spawforth. *Op. Cit.*, 1996, p. 597.

¹² *Lact. Inst. Div.* I, 15, 2.

¹³ *Lact. Inst. Div.* I, 15, 2.

–, da filosofia – Aristóteles, Platão, Cícero, Sêneca, autores pré-socráticos, epicureus, estoícos, pitagóricos – e de historiadores – Tito Lívio, Varrão, Evêmero através de Ênio.

Este esforço de análise foi acompanhado de um interesse novo em apresentar as condições históricas nas quais se desenvolveram os cultos pagãos: eles nasceram no seio de famílias, foram adotados pelas cidades, depois pelas províncias; eles foram transmitidos aos filhos, netos e, em condições favoráveis, a toda posteridade.¹⁴

Lactâncio apresenta em outra parte que este estado de evolução e do desenvolvimento da religião tradicional greco-romana, a pureza original dos sentimentos degenerados, que esta degenerescência ocorreu devido à vanidade das famílias, desejosas de contar os deuses entre os seus membros, ou ao papel nefasto dos poetas, particularmente os poetas gregos, cuja imaginação se alimentava de mentiras.

De forma geral, mesmo nos casos em que apresentou suas críticas, a postura historiográfica de Lactâncio se sobressai ante a polêmica: vemos Lactâncio se dedicar a descrever minuciosamente, sem complacência, mas sem hostilidade, as condições nas quais tal e qual culto nasceu, se organizou, e se difundiu. Isto se afirma com clareza particular, por exemplo, nas páginas dedicadas à divinização de categorias simbólicas romanas por Numa Pompílio.¹⁵

III

A preocupação de Lactâncio em situar os acontecimentos em seu próprio tempo e contexto histórico demonstra um sentido de história que é diferente na polêmica cristã dos primeiros séculos. E diferente de Eusébio de Cesareia, por exemplo, a proposta de história em Lactâncio aparecia sustentada pela doutrina do evemerismo.

O sentido de história se manifestava na explicação que Lactâncio propôs sobre a natureza do fenômeno religioso pagão. Quando percorremos as páginas dos Pais da Igreja que escreveram antes e depois de Lactâncio, observamos o fato que estes autores deram

¹⁴ Lact. Inst. Div. I, 15, 7-8.

¹⁵ Lact. Inst. Div. I, 22.

geralmente impressões de hesitação entre diferentes explicações da origem ou da natureza dos deuses pagãos.

Consoante o caso, os deuses não têm existência; ou bem são demônios; ou ainda homens divinizados; ou, por fim, forças da natureza, elementos, astros, ou noções abstratas, personificadas e sacralizadas. Tal variedade de explicações, herdadas de uma pluralidade de fontes (bíblicas, judaicas e pagãs) tão diversas entre si, mas que não são necessariamente inconciliáveis.

A este respeito, Lactânio desenvolveu um sistema de explicação que, combinando evemerismo e demonologia, permitiu-lhe restituir o cômputo ao mesmo tempo do objeto das crenças pagãs e do sentimento religioso que animava os fiéis.

Para Lactânio, os deuses do paganismo eram homens divinizados, e eram os demônios que incitavam os homens a adorar este *diui* após suas mortes ou ainda que se fizeram adorar eles mesmos sob o nome dos falecidos.¹⁶

Devemos reconhecer um segundo mérito em Lactânio neste domínio, ele refletiu, com mais acuidade que outros autores, sobre aquilo que representava o paganismo como um fenômeno religioso histórico. Lactânio estava convencido como seus predecessores, da precedência do monoteísmo hebraico sobre o politeísmo de Homero e dos filósofos, tendo inclusive a preocupação, que outros não tiveram, de descrever as condições históricas nas quais o politeísmo sucedeu ao monoteísmo.

Para Lactânio o episódio fundador do politeísmo se deu após o dilúvio, quando Cam não cobriu a nudez de seu pai Noé, e denegriu a sua honra perante seus irmãos. Após este fato:

Quando o pai [Noé] soube estes fatos, abdicou do filho [Cam] e o expulsou de sua casa. O errante, por seu lado, se assentou na parte da terra que hoje se chama Arábia, e esta terra, a partir de seu nome, foi chamada Canaã, e seus descendentes, cananeus. Este foi o primeiro povo que se ignorou Deus, já que seu primeiro homem

¹⁶ Lact. Inst. Div. II, 16, 3.



*e fundador, maldito por seu pai, não recebeu deste o conhecimento do culto divino; conseqüentemente, transmitiu a seus descendentes sua ignorância da divindade.*¹⁷

Uma vez expulso do seio de sua família, Cam iniciou uma linhagem que não conhecia o culto divino e o monoteísmo, vivendo na *ignorantia Dei*, que é um dos aspectos que caracterizam os pagãos, para Lactânncio.

Entretanto, mesmo os descendentes dos outros filhos de Noé que receberam o conhecimento divino também caíram no erro, isto ocorreu a partir do momento em que foram enviados para colonizar novas partes da Terra, e estabeleceram novos costumes e novas instituições.¹⁸

Nesta seção do Livro II de *Insituições Divinas*, observamos como, a partir da narrativa de *Gênesis*,¹⁹ Lactânncio concebeu a passagem do monoteísmo (*religio dei, notitia dei, cultus dei*) ao culto dos deuses (*cultus deorum*). O evento primevo do processo de degradação está datado: teve lugar após o dilúvio, em circunstâncias bem precisas, quando Cam caçoou de seu pai Noé. É possível, aliás, que Lactânncio tenha neste ponto ecoado as doutrinas de meios judaicos com os quais se conjectura que tenha estado em contacto durante sua estadia em Nicomédia.

Entretanto, o culto dos deuses – identificado com as práticas idolátricas – não sucedeu diretamente ao monoteísmo: houve um primeiro período transitório de ateísmo (*ignorantia dei, diuinitatis*); e esta ignorância de Deus foi a que caracterizou os cananeus, e que, logo em seguida, se manifestou progressivamente, pela degenerescência natural da fé no Deus único, entre os hebreus dispersos pelo mundo.

Este período de ateísmo foi seguido de uma outra época, durante a qual os homens veneraram os elementos praticando um culto anicônico. Eles foram então contaminados pelo culto de reis poderosos. Mas a idolatria penetrou no seio do próprio povo judeu:

¹⁷ Lact. Inst. Div. II, 13, 6-7.

¹⁸ Lact. Inst. Div. II, 13, 9.

¹⁹ Gn. 9, 20-27.

Lactâncio consagrou um pouco mais à frente em sua obra um capítulo no qual descreve tal desenvolvimento.²⁰

O passo seguinte deste fenômeno de separação entre os que possuíam o conhecimento de Deus, e os que ignoravam Deus se deu no Egito, quando os homens passaram a adorar fenômenos celestiais, inventaram figuras de animais para adorar.²¹

A partir deste ponto seguiu-se a degeneração do culto a Deus, quando os homens se dispersaram pelo mundo, e passaram a oferecer sacrifícios, e construir templos e imagens para os seus antigos reis, que foram divinizados.²² E Lactâncio finaliza a sua crítica afirmando que:

*Os gentios, errando desta forma, começaram a se afastar do conhecimento de Deus. Equivocam-se, pois, aqueles que pretendem que no principio houve cultos, e que é anterior a religião dos gentios que a de Deus, que dizem que foi inventada depois; e se equivocam porque desconhecem a fonte e a origem da verdade.*²³

Malgrado sua brevidade, esta análise do desenvolvimento das religiões faz pensar, por exemplo, os planos de Eusébio de Cesaréia sobre o sujeito: após a “queda”, isto é, quando, passado do comando divino, o homem foi projetado sobre esta terra, seguido de um ateísmo original; depois, as duas religiões aparecem paralelamente; de um lado, o verdadeiro conhecimento de Deus, comunicado a alguns pelo *Verbo* divino que suscita desta forma o nascimento dos hebreus, ancestrais dos cristãos, de outro lado a religião astral, à qual sucedeu outra superstição, aquela dos deuses múltiplos e antropomorfos.

Por fim, constituindo a última grande etapa da história religiosa, prevaleceu a religião alegórica. Sem dúvidas, o esboço lacunar e às vezes hesitante de Lactâncio não deveria ser comparado ao afresco grandioso de Eusébio de Cesaréia resumidos em seus grandes tratados – *Preparação ao Evangelho e Demonstração do Evangelho*.

²⁰ Lact. Inst. Div. IV, 10, 5ss.

²¹ Lact. Inst. Div. II, 13, 10.

²² Lact. Inst. Div. II, 13, 11.

²³ Lact. Inst. Div. II, 13, 13.

Convém, entretanto, sublinhar a perspectiva comum aos dois contemporâneos e o lugar que ambos atribuíram ao ateísmo, mesmo se, na ordem de sucessão dos períodos religiosos da humanidade, este lugar seja diferente.

Por fim, resta a Lactânncio explicar como e porque o politeísmo e as superstições puderam por tanto tempo se propagar. Desta vez, saímos do domínio da história, pois a explicação não pode ser outra além da teológica.

A resposta de Lactânncio a esta questão difícil reflete naturalmente suas concepções dualista e milenarista. Deus deixou os demônios agirem, o que fez com que os homens caíssem no erro, *“a fim de que houvesse um combate entre o mal e o bem, a fim de que o vício se opusesse à virtude, a fim de que Deus pudesse punir a uns, recompensar a outros”*.²⁴ Esta luta entre as forças do bem e do mal se prolongou até o advento do cristianismo, que pôs um termo à idolatria.²⁵

“Mas Deus, como pai indulgentíssimo que, ao se aproximar o final dos tempos, enviou um mensageiro que fazia voltar àquela velha idade do bem, que haviam sido expulsos, para que o gênero humano não se visse perturbado pelos graves e constantes erros. Voltou, pois, uma imagem daquela idade de ouro; e o bem voltou realmente à terra, ainda que fosse concedido só a uns poucos: este bem não é outra coisa que o piedoso e religiosos culto do Deus único”.²⁶

Esta época de ouro, ainda imperfeita terá seu fim: o sexto milênio²⁷ se aproxima em breve, em dois séculos mais precisamente:

“No que se refere em quanto tempo tardará em completar-se este final, o dizem aqueles que escreveram sobre cronologia, recolhendo das Sagradas Escrituras e dos distintos livros de Histórias o número de anos que passaram desde o princípio do

²⁴ Lact. Inst. Div. II, 17, 1.

²⁵ Lact. Inst. Div. IV, 14, 17.

²⁶ Lact. Inst. Div. V, 7, 1-2.

²⁷ Lact. Inst. Div. VII, 25, 3.



mundo; e ainda que haja discrepâncias e o número total de anos difira um pouco, as especulações não parecem indicar que passarão mais de duzentos anos”.²⁸

Este será o *Millennium*, o que nos coloca perante um ponto central da apocalíptica milenarista de Lactância, que permeia o último livro da obra *Instituições Divinas*.

IV

Esta era, pois, a concepção processo social da história religiosa da Humanidade que Lactância apresentou em sua obra *Instituições Divinas*. Tal postura custou a seu autor uma crítica assaz severa. Geralmente reprovado por não ter possuído a verdadeira teologia da História, de ter ignorado a paidéia divina, a edificação moral e religiosa da Humanidade. Esta reprovação é certamente fundamentada na ortodoxia niceno-constantinopolitana.

Por outro lado, melhor que os polemistas cristãos que o precederam, Lactância nos parece ter tentado fazer um esboço de história do progresso religioso, e mesmo teorizar o progresso religioso da Humanidade. É seu mérito o esforço de situar os fatos religiosos em seus contextos e analisar suas motivações humanas.

Este senso do sagrado, mesmo pagão, responde de resto a uma preocupação dominante no pensamento de Lactância, pois o homem é acima de tudo um ser religioso: o bem supremo do homem reside na religião, *summum hominis bonum in sola religione est*.²⁹

Esta fórmula põe em evidência a reorientação que Lactância fez no tema do *status rectus* providencialmente de acordo com o homem, posto que ele possa contemplar o céu e aprender sobre o divino, inferindo desta forma da antropologia filosófica, logo retomando pelos cristãos, uma formulação teológica nova. Isto pode ser, uma vez que ele estava convencido desta verdade existencial que afirmava a superioridade do cristianismo.

Ele lançou sobre as religiões pagãs um olhar mais compreensivo que outros autores antes dele, e em todo caso menos sistematicamente hostil. Inclusive ele tinha certa indulgência em relação aos homens que foram enganados em sua busca pela verdade suprema, e cujo

²⁸ Lact. Inst. Div. VII, 25, 5.

²⁹ Lact. Inst. Div. III, 10, 1.

erro é mais perdoável, do que daqueles que se utilizaram dos poetas, hábeis em confundir ficção e verdade.³⁰

Para Lactância a verdadeira visão religiosa do mundo – a cristão – estava a ponto de substituir o culto dos deuses. Esta convicção explica a atitude serena de Lactância em relação à religião pagã, como explica, em outro plano, sua atitude amigável em relação à estética dos autores pagãos; há, em um e em outro domínio, a convergência de visões.

Referências bibliográficas:

Documentação escrita:

Lactantius. “Divine Institutes”. Tr. Rev. William Fletcher. In. P. Schaff. H. Wace. (Ed.) *A select library of Nicene and Post-Nicene Fathers of the Christian Church*. New York: Christian Literature Publishing Co., 1889 (Volume I-7).

Lactancio. *Instituciones Divinas*. Tr. Eustáquio Sánchez Salor. Madrid: Editorial Gredos, 1990.

Teófilo de Antioquia. “Para Autólico”. In. *Padres Apologistas*. Tr. Ivo Storniolo, Euclides M. Balancin. São Paulo: Paulus, 1997.

Obras gerais:

A. di Berardino. (Org.). *Dicionário Patrístico e de antiguidades cristãs*. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

T. S. Brown. “Euhemerus and the Historians”. *The Harvard Theological Review*. v. 39, n. 4, pp. 259-274, Oct. 1946.

C. Curry. “The Theogony of Theophilus” *Vigiliae Christianae*. v. 42, pp. 318-326, 1988.

³⁰ Lact. Inst. Div. I, 11, 4.

- H. Drobner. *Manual de Patrologia*. 2ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- E. Digeser. *The making of a Christian Empire. Lactantius and Rome*. Ithaca: Cornell University Press, 2000.
- J.-C. Fredouille. “Lactance historien des religions”. In. J. Fontaine. M. Perrin. *Lactance et son temps*. Recherches Actuelles. Paris: Éditions Beauchesne, 1978, pp.237-249.
- H. Y. Gamble. “Euhemerism and Christology in Origen: Contra Celsum III 22-43”. *Vigiliae Christianae*. v. 33, pp. 12-29, 1979.
- S. Hornblower. A. Spawforth. *The Oxford Classical Dictionary*. 3ª Ed. Oxford, New York: Oxford University Press, 1996 [Original de 1984].
- C. Moreschini. E. Norelli. *Manual de Literatura Cristã Grega e Latina*. São Paulo : Loyola, 1996.
- R. M. Ogilvie. *The Library of Lactantius*. Clarendon Press, 1978.
- R. Pichon. *Lactance: Étude sur le mouvement philosophique et religieux sous le règne de Constantin*. Paris, 1901.
- D. P. da Silva. N. M. Mendes. “As representações do poder imperial na Tetrarquia (284-305)”. *Phoënix*, Rio de Janeiro, v. 14, pp. 306-328, 2008.
- D. P. da Silva “Lactância e o *topos da historia magistra vitae*: uma análise da obra Sobre a morte dos perseguidores”. *Phoënix*. Rio de Janeiro, v.17, n. 1, pp. 99-111, 2011.